

Antônio Contente

## Na janela, em tarde de chuva

*No jornal Correio Popular, de Campinas, SP, 6 de março de 2022*



### **Divulgação**

Sob Viaducto Santa Ephygênia corriam as brisas que vinham desde o Vale do Anhangabaú

No começo dos anos 60 do século passado, a redação paulistana do jornal "Última Hora" ficava na avenida da Luz. Era um prédio térreo, largo e, quem estava na redação, separada da rua por largas janelas de vidro, avistava, à esquerda, o Viaducto Santa Ephygênia. Sob ele corriam as brisas que vinham desde o Vale do Anhangabaú enviadas pelo mais famoso Viaduto do Chá, que tem a nobreza do belo prédio do Theatro Municipal, inaugurado em 1911, como guardião.

Foi nesta época que, mal entrado na casa dos 20 anos, eu cheguei ali para ser repórter da "Uagá", como chamávamos o matutino, que havia pousado na capital paulista, tomada por órgãos de imprensa tradicionais entre os quais sobressaia o "O Estado de S. Paulo", como a grande novidade em folhas impressas. E, realmente, em tal se transformou, passando a vender, nas bancas, como nenhum outro.

Isso, de um lado. De outro, a UH foi um tremendo celeiro de talentos. Eu teria que fazer longa lista de profissionais que, tendo começado a batucar naquelas velhas máquinas de datilografar, se tornaram famosos. Não só na imprensa, mas também na literatura, cinema, tevê, teatro etc. Nessa crônica contarei, em 'resumo resumido', trechinho da saga de um desses caras, meu amigo até hoje. E que é um dos maiores escritores brasileiros da atualidade e de todos os tempos.

Mas lá estou eu, na redação, ainda meio foca a cumprir as pautas que me eram passadas pelo lendário chefe de reportagem Remo Pangela, com a constante bagana apagada no canto da boca. Como sempre ocorre nessas situações, vamos

ficando amigos dos colegas com os quais as identificações surgem. Assim, de repente, me vi num grupinho do qual faziam parte os também repórteres Antonio Torres, Franco Paulino, Hamilton Almeida Filho e Humberto Vieira. Todos profissionais da melhor qualidade unidos não só pela atividade do ofício como pela dureza, grana curta. Por causa disso, num determinado momento passamos a ficar mais unidos ainda, pois resolvemos morar juntos. Porém, como não tínhamos numerário para alugar algo melhor, conseguimos aposento num daqueles grandes apartamentos antiquíssimos do bairro Campos Elísios, pertencente a duas senhoras idosas que disponibilizavam quartos. A partir daí, a vida passou a escrever com mais nitidez nosso trabalho no jornalismo.

Um pouco adiante os mesmos quatro, com pequena melhora no dinheirinho, finalmente alugaram apartamento na avenida Nove de Julho, vigésimo andar. Nessa altura já se acoplara ao grupo outro duro, mas também ótimo profissional, chamado Adones Oliveira. Como Torres e Humberto, nordestinos. Hamiltinho era, se bem lembro, carioca. E Franco Paulino paraense como eu.

Para essa história não ficar muito longa, a partir da nova residência que era, pura e simplesmente, um primor de desarrumação, os destinos foram se definindo. Antonio Torres e Franco Paulino, com ofertas que quadruplicaram seus salários, se transferiram para a publicidade, com excepcional brilho. Os outros permaneceram no jornalismo.

Dos quatro que viraram cinco, só dois restam vivos, eu e Antonio Torres, que acaba de completar 80 anos de idade e 50 de literatura. E foi justamente ele, quando cada um já tinha tomado seu caminho, que, tempos depois, em 1972, explodiu como bomba de hidrogênio no mundo das letras com esplêndido livro de sua autoria intitulado "Um Cão Uivando para a Lua". A repercussão da obra foi algo impressionante. As críticas favoráveis vieram de todo lado, desde o rigoroso Leo Gilson Ribeiro, nas páginas da revista Veja, até o papa Jorge Amado, nos jornais da Bahia, onde Torres nasceu numa cidadezinha chamada Junco, no sertão. Tempos depois, o novo autor, após morar alguns anos em Portugal, se transferiu para o Rio de Janeiro. Passaram-se vários invernos e verões em que nos falávamos muito pouco (agora com as redes sociais isso melhorou), mas nunca deixei de receber, estivesse eu onde estivesse, os inúmeros livros que Torres passou a publicar. Seus títulos devem estar próximos das duas dezenas e agora, a "vol de oiseau", posso citar "Essa Terra", "Meu Querido Canibal", "O Cachorro e o Lobo", "Meninos, eu Conto", "Pelo Fundo da Agulha", "Um Taxi para Viena d'Áustria" e, lançado faz alguns meses, "Querida Cidade", unanimemente apontado como mais uma obra-prima. Com tudo isso era fatal que acontecesse e, em 2013, Antonio Torres foi eleito, quase por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras. Hoje é um dos autores nacionais mais conhecidos no mundo, pois seus livros estão publicados em nada menos de 20 idiomas, entre eles o vietnamita e o paquistanês.

Agora, a redigir estas mal traçadas, me vem à cabeça um fim de tarde da época em que, novinhos, morávamos no acima citado mal arrumado vigésimo andar sobre a avenida Nove de Julho. Chovia, chovia muito. Batíamos papo, na janela, a ver a água cair molhando São Paulo, enquanto nós mesmos nos molhávamos por dentro com algumas doses de vodca. De repente, virei pro Torres e murmurei:

- Olha, meu, algo me diz que, um dia, você entrará para a Academia Brasileira de Letras.
- Estás brincando – ele respondeu.

Não, eu não estava.